

Grande Prémio de Macau

Uma vitória em várias mangas

Luís Sá Cunha

Um circuito único

Ao fim de 60 anos de vida, é claro que o Grande Prémio de Macau foi uma vitória em várias mangas, quer dizer, foi uma longa prova feita de sucessivas etapas e triunfos.

Quando acontece, é o grande circo que chega à cidade, uma agitação de gente, uma expectativa que se acrescenta à vida de rotina que se altera, uma festa vibrante. O GPM arraigou-se de tal forma ao corpo da cidade que já pertence à sua identidade. Se acabasse amanhã, Macau não seria então a mesma. E o mundo logo saberia, porque o GPM fez ressoar o nome de Macau pelo mundo e inscreveu Macau no mapa.

O circuito tem isto de raro: adentra-se pelo cenário da cidade, adopta os seus percursos habituais, e daí o fascínio do seu traçado serpentina exigente da maior perícia e domínio dos condutores, o que os apaixona, os tenta e lhes deixa experiências inolvidáveis. O famoso piloto japonês Takuda Sato, campeão de Fórmula 1, confessou um dia que o seu maior sonho era correr e vencer em Macau; Stirling Moss, o mítico velocista, encantou-se com aquilo a que chamou “a Mônaco do Mónaco”; Michael Schumaker chamou-lhe “fantástico e inesquecível”. John Crosmit, o Comissário da Federação Internacional de Automobilismo (FIA) que durante 25 anos fiscalizou o percurso

milimetricamente, declarou que o circuito de Macau era “uma verdadeira escola de condução”. Ayrton Senna, considerado o maior piloto de todos os tempos, aquele que detinha o melhor controlo da máquina nas condições mais difíceis, confirmou aquele testemunho, afirmando: “ensina-nos a improvisar em todas as circunstâncias, é simplesmente sensacional”.

Para nós que assistimos de fora há tantos anos, sentimos que dificilmente haverá maior “suspense” do que a chegada à curva de 90° do Hotel Lisboa, depois de as máquinas acelerarem ao máximo nas rectas antecedentes até aos 270 Km, para num segundo desacelerarem sem se deixarem ultrapassar naquela curva, para ficar vantajosamente na frente da corrida! Muitas vezes, escapando aos choques em cadeia que ali acontecem...

Uma história a correr...

Numa primeira fase o GPM abriu-se à participação de todos os tipos de carros protótipos. O primeiro grande impulso de crescimento deu-se em 1975, com o reconhecimento da FIA, que lhe valeu o estar inscrito oficialmente no calendário das provas internacionais. A evolução começara antes, quando a organização do GP decidira dar o exclusivo aos monolugares, o que acabou por se concretizar em 1977 na prova exclusivamente disputada por monolugares de F2 ou “Fórmula Pacífico”.

Outro salto decisivo da sua promoção e consagração dá-se em 1983. O ano de 1982 tinha sido um ano de apreensão, com o emurchecimento das condições de continuação da F2. Corajosamente, a organização do GP decidiu dar o salto em frente optando pela F3. Estava aberto o grande futuro de sucesso.

É então que entra em cena o contributo decisivo de Teddy Yip e da sua escuderia Theodore Racing Team, arriscando trazer as Macau alguns dos nomes mais em evidência no mundo do automobilismo: Roberto Guerrero, Martin Brundle, Gerard Berger e Ayrton Senna.

Desde o início, o GPM tinha visto concorrer no seu circuito vários tipos de carros de competição. Mas foi a ambiciosa linha de evolução para patamares cada vez mais elevados de veículos de competição o que lhe valeu dimensão e prestígio internacionais. E o facto marcante foi o triunfo de Ayrton Senna em 1983. A partir daqui, o circuito da Guia passou a ser um dos grandes trampolins mundiais para o acesso dos pilotos às corridas da Fórmula 1.

Além das características do percurso, os pilotos passaram a ter que concorrer em viaturas idênticas, e o vencedor apurava-se em duas mangas por somatório dos tempos obtido, o que se tornou igualmente atraente para pilotos e equipas concorrentes.

Fonte das imagens:
Comissão do Grande Prémio de Macau



Foi assim que o GPM entrou na história de Macau e do desporto automobilístico internacional. No “álbum de glórias” desta prestigiada prova constam as fotos dos mais prestigiados campeões do automobilismo mundial: Ayrton Senna, Michael Schumaker, Mika Akkinen, Damon Hill, David Coulthard, Jacques Villeneuve, Ruben Barrichello, Jean Alesi, Juan Pablo Montoya, Ralf Schumaker, Alexandre Premat, Takuma Sato. E outros, que levaram, pelos canais da TV, Macau aos quatro cantos de todo o mundo.

Duas glórias de Macau

Macau esteve várias vezes representada nesta grande prova por dois jovens e talentosos pilotos.

Rodolfo Ávila, com apenas 15 anos, concorreu num Formula Renault 2000, e participou na F3 em 2004, 2005, 2006 e 2007. Participou ainda quatro vezes na corrida de GTs Macau GT Cup.

André Couto, participou como estreado em F3 em 1995.

Em 2000, André Couto sagrou-se vencedor ao fim de 30 voltas, ganhando a Taça Intercontinental da F3 em Macau, no primeiro ano da RAEM, em que a cerimónia dos vencedores ficou assinalada pelo hasteamento da Bandeira da RAEM pela primeira vez na história do GPM.